

Mulheres e homens luteranos: leituras feministas e identificações com o feminismo em tempos de ditadura militar no Brasil (1964-1989)

Claudete Beise Ulrich, UFSC
caclaul@netuno.com.br

Introdução

A presente comunicação é um pequeno recorte do relatório do projeto de pós-doutorado realizado na Universidade Federal de Santa Catarina no período de dezembro de 2007 a novembro de 2008, com o apoio do CNPq, tendo como supervisora de pesquisa a Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro. A pesquisa tratou sobre o “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”, estando inserida dentro do “Projeto Cone Sul: ditaduras, gênero e feminismos (1960-1990)”, coordenado pelas professoras Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff.

As décadas de 1960-1980 foram fundamentais para que a IECLB assumisse a brasilidade e se inserisse de fato na realidade brasileira, a partir especialmente da década de 1970.¹ A partir deste período histórico houve uma abertura ecumênica da IECLB, levando-a a uma atuação em com outras Igrejas nos movimentos sociais, tendo como objetivo uma vida mais justa para mulheres e homens. Também foi neste período que os movimentos de mulheres e os feminismos ganharam espaço na sociedade, trazendo mudanças significativas para a vida das mulheres e também para as igrejas e suas teologias. Na década de 60 já encontramos mulheres estudando teologia, mas especialmente no final década de 70, aumenta o ingresso de mulheres na Faculdade de Teologia². Elas também assumiram o ministério pastoral³, desenvolvendo uma nova reflexão teórica, a partir da teologia feminista, conduzindo para uma nova prática.

Para constituir uma narrativa histórica que tratasse das relações entre mulheres e homens que professaram a confessionalidade luterana (IECLB) e se identificaram com os movimentos de mulheres e os feminismos, no período de 1964 a 1989, tornou-se necessário a utilização de diferentes fontes documentais, onde a fonte oral foi de fundamental importância. As pessoas entrevistadas⁴ em minha pesquisa, em sua maioria, eram estudantes, no período pesquisado. Foi

¹ SCHUNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação**: O surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 a 1975. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 95.

² FREIBERG, Maristela Lúvia. **Retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Dissertação de mestrado. São Leopoldo : IEPG, 1997.

³ PANKE, Rita Marta. **Depoimento**, 17 de janeiro de 2008, entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, Santa Cruz do Sul - Brasil, transcrita por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC Rita Marta Panke foi a primeira mulher a trabalhar como pastora na IECLB. Iniciando seu pastorado em 1976.

⁴ Entrevistei 13 mulheres (2 irmãs diaconisas, 2 jornalistas e 9 pastoras) e 15 homens de confessionalidade luterana (1 agrônomo, 5 professoras e 9 pastoras) mais uma pastora metodista, muito atuante no movimento ecumênico e uma militante política não ligada a nenhuma igreja. Contatei estas mulheres e estes homens por e-mail, telefone e, através

possível manter contato com mais homens do que mulheres de confessionalidade luterana, pois, neste período histórico, haviam poucas mulheres ligadas à IECLB, estudando em universidades ou atuando, fora do espaço da casa. Já no primeiro contato com as pessoas para a realização desta pesquisa, constatei como a hierarquia de gênero tem acompanhado a história das mulheres.

É importante lembrar, aqui, uma afirmação de Verena Alberti: “(...)as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”.⁵ Na pesquisa em História como um todo, lidamos sempre com indivíduos, mas, na História Oral em particular, percebemos a presença desses indivíduos, e nessas circunstâncias, sabemos que “a História Oral diz respeito a versões do passado, ou seja, à memória... que é um processo pessoal”, segundo com Portelli.⁶ Marina Maluf afirma, “nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra. Se lembramos, é porque a situação presente nos induz a lembrar”.⁷

Deste modo, entendo que as entrevistadas e os entrevistados, ao narrarem suas trajetórias, foram se construindo na narrativa, a partir da sua situação atual, pois não é possível reviver o que elas viveram, e nem voltar a um passado intocado. Estas mulheres e estes homens lançaram um olhar sobre seu passado, que não deixou de ser uma elaboração feita a partir do presente, sendo também uma perspectiva particular e subjetiva. Portanto, não podemos deixar de perceber a narrativa dos entrevistados e das entrevistas como um ponto de vista que pode ser contraditório e incerto.

Nesta comunicação, procuro apresentar alguns resultados e discussões sobre uma das perguntas da entrevista. Reflito, portanto, sobre a seguinte questão: “Quais leituras feministas as pessoas entrevistadas realizaram e que as/os influenciaram em suas vidas e práticas?”

“Quais leituras feministas realizou e que a (o) influenciaram?”⁸

Christa, professora universitária, que no período em estudo, era estudante de jornalismo respondendo a pergunta, disse:

de contatos pessoais quando da realização de algum evento no âmbito IECLB⁴ ou ecumênico. Como estas pessoas encontram-se espalhadas por todo o Brasil, muitas responderam por e-mail a entrevista, outras tiveram a entrevista gravada através de fita cassete, digital, transcrita também pela pesquisadora. A entrevista contou com um roteiro próprio, organizada em conjunto com a professora supervisora da pesquisa Joana Maria Pedro, na qual foi dada prioridade à narrativa da participação da pessoa em movimentos de mulheres e feminista.

⁵ ALBERTI, Verena, O lugar da história oral, In _____, *Ouvir Contar* : Textos em história oral, Rio de Janeiro : FGV, 2004. p. 19.

⁶ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral, **Projeto História**. São Paulo : EDUC, nº 15, abr/1997, p. 13-49. Ap. PEDRO, Joana Maria. **Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)**: projeto de pesquisa, Universidade Federal de Santa Catarina. p. 14.

⁷ MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo : Martins Fontes, 2001. p. 31.

⁸ Esta era a oitava pergunta de um roteiro que variava entre 18 a 20 perguntas, conforme as pessoas foram sendo entrevistadas. Trago respostas de algumas mulheres e de alguns homens entrevistados em relação à pergunta que estou refletindo: “Quais leituras feministas realizou e que a (o) influenciaram?”

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Primeiro foram artigos de análise de conjuntura da América Latina, depois Simone de Beauvoir, Agnes Heller, Mary Langer, Domitila e muitos anos depois os estudos de gênero na perspectiva dos estudos culturais. No Brasil, Rosa Maria Muraro, principalmente.⁹

Em termos de literatura feminista, Christa citou como primeiro contato a leitura de Simone de Beauvoir. Sybilla, jornalista, aposentada, afirmou o mesmo, na sua resposta:

O primeiro contato foi o livro de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo”, lá por 1963. A partir daí, li artigos em jornais, revistas e livros, textos de organizações ecumênicas, cujo detalhamento não tenho condições de fazer agora. Não me lembro de nada marcante do movimento feminista na EST, de cuja existência soube bem mais tarde.¹⁰

Percebi que as mulheres, com mais idade, lembraram em primeiro lugar a leitura de Simone de Beauvoir.¹¹ Sybilla falou também das suas leituras de textos de organizações ecumênicas e disse que não se lembrava de nada marcante do movimento feminista na, então, Faculdade de Teologia da IECLB, hoje, Escola Superior de Teologia.

A pastora Regene, 48 anos, atuante em Cachoeira do Sul/RS, afirmou:

Começamos o grupo de mulheres na Faculdade de Teologia lendo: Se me deixam falar, a história de Domitila Barrios Chungara na Bolívia, editado por Moema Viezzer; Mulher, objeto de cama e mesa, de Heloneida Studart; da mesma autora: Mulher e luta de classes; Betty Friedan, Mística Feminina; Simone de Beauvoir; O segundo sexo; Elisabeth Moltmann-Wendel; Dorothe Sölle; Luise Schrottoff; Ivone Gebara.¹²

O grupo de mulheres¹³ na Faculdade de Teologia iniciou com a leitura de um livro de Moema Viezzer que conta a história de uma mulher boliviana Domitila Barros de Chungara. No livro “Se me deixam falar”, destacou-se a luta de uma mulher pobre, descendente de indígenas, esposa de um minerador, durante a ditadura militar na Bolívia. Havia um interesse com a realidade da mulher latino-americana. O título do livro apontou para a falta de liberdade de expressão e a repressão sofrida por Domitila. Regene destacou ainda o livro de Heloneida Stuardt: “Mulher, objeto de cama e mesa”. Os livros de Betty Friedan “Mística Feminina”¹⁴ e de Simone de Beauvoir

⁹ BERGER, Christa. **Depoimento**. 23 de junho de 2008, via e-mail, Porto Alegre - RS Entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo do LEGH/UFSC.

¹⁰ BAESKE, Sibylla. **Depoimento**. 13 de maio de 2008, via-email, São Leopoldo – RS. Entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo do LEGH/UFSC.

¹¹ É importante salientar que tanto Sybilla (estudante jornalismo – UFRGS) como Christa (estudante jornalismo (PUCRS) e sociologia (UFRGS) estudaram em Universidades Públicas, onde o contato com esta literatura, certamente, era outro do que na Faculdade de Teologia.

¹² LAMB, Regene, **Depoimento**, 24 de março de 2008 , via e-mail, Cachoeira do Sul , entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo: Laboratório de Estudos de Gênero e História – UFSC.

¹³ JARSCHER, Haidi. 1986. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. In: L. HOCH (ed.), **Formação teológica em terra brasileira**: Faculdade de Teologia – 1946-1986. Edição comemorativa. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 144-145. O grupo de mulheres na Faculdade de Teologia apresentou características dos grupos de autoconsciência organizadas pelas feministas de segunda Somente mulheres estudantes participavam. Elas discutiam questões relativas às mulheres e “sob a ótica da mulher”.

¹⁴ FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

“O segundo sexo”¹⁵ foram citados depois das leituras das brasileiras e latino-americanas. Os nomes das mulheres que foram citados por último são as das teólogas feministas: três autoras alemãs e uma brasileira. Já a professora e pastora Wanda apontou para:

A revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, nos anos 80, publicou muitas matérias sobre o movimento de mulheres. A coletânea editada por Rosaldo e Lamphere, *A mulher, a cultura, a sociedade* foi muito discutido. O livro da Chauí, *Repressão Sexual, esta nossa (des)conhecida* também nos marcou. As análises da H. Safiotti, sobre as mulheres trabalhadoras, influenciou minha análise social (fusão do marxismo com o feminismo). Em termos de teologia feminista, os livros de Rosemary Ruether e Elizabeth Fiorenza, em inglês, foram um marco.¹⁶

Wanda, em seu depoimento, destacou que leu, primeiramente, livros que enfatizavam a relação entre mulher, cultura e sociedade, ressaltando o livro “A Repressão Sexual, esta nossa desconhecida”. Ela afirmou que a sua análise social (fusão do marxismo com o feminismo) se deu a partir das análises de Heloneida Safiotti sobre as mulheres trabalhadoras. Em seu depoimento, Wanda também citou por último os livros sobre teologia feminista, destacando-se, em suas leituras, duas autoras americanas.

A pastora indigenista, Lori atuando como professora lembrou Rose Marie Muraro e Rosemarie Ruether, bem como os caminhos da Teologia da Libertação, apontando que ela foi se desenvolvendo no plural, sendo necessário falar em teologias da libertação. Lori afirmou, que “primeiramente, se falou do pobre de forma geral, só mais tarde foi se afirmando quem eram os pobres do continente: mulheres, negras, indígenas, trabalhadores.”¹⁷

A pastora metodista Nancy, 49 anos, muito atuante no movimento ecumênico, trabalhando na Comissão Pastoral da Terra,

minhas primeiras leituras foram de discussão entre marxismo e feminismo... Muito das teóricas francesas e alemãs; no estudo dos clássicos do marxismo a relação entre família-propriedade-estado chamou muito minha atenção... Os textos das teólogas chegaram pra mim muito depois! E num primeiro momento mais da leitura feminista da Bíblia o que me deu um rumo de estudo e de pesquisa.¹⁸

Nancy deixou muito claro que as suas primeiras leituras foram de discussão entre marxismo e feminismo. A aproximação com a teologia feminista foi um ato segundo. Ela disse: “Os textos das teólogas chegaram pra mim muito depois!”

Já, Inácio, pastor, trabalhou como coordenador da Comissão Pastoral da Terra apontou

¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

¹⁶ DEIFELT, Wanda, **Depoimento**, Decorah, IA 52101 EUA Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, , via e-mail, dia 28 de março de 2008. Acervo do LEGH/UFSC.

¹⁷ ALTMANN, Lori. **Depoimento**. Entrevista realizada no dia 23 de abril de 2008, São Leopoldo, RS. Entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC

¹⁸ PEREIRA, Nancy Cardoso. **Depoimento**. via e-mail. 19 de outubro de 2008, Volta Redonda, RJ. Entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC

Não sei como responder isso aqui. (...) acho que foi toda a conjuntura da época. As leituras feministas estavam muito presentes e nas reuniões junto com mulheres... Também toda a leitura da bíblia.. Isso com certeza é importante lembrar, até porque isso influenciou na formulação de pregações, textos, dando uma outra visão. (...)Depois também teólogas (...)na Europa (...) Dorothee Sölle, Luise Schottroff. (...).¹⁹

O entrevistado lembrou que foi toda uma conjuntura da época, colocando as leituras feministas na pauta da reunião, pois as mulheres também estavam presentes na reunião e, certamente, reivindicavam direitos e deveres iguais. Ele também apontou para a leitura popular da Bíblia, onde se procurou visibilizar as mulheres como protagonistas, sendo muito importante para o engajamento das mulheres no trabalho pastoral e nos movimentos populares. Inácio lembrou de duas teólogas alemãs Dorothee Sölle, Luise Schottroff .

Nelson, pastor e professor de teologia afirmou: “Não poderia indicar uma leitura específica. Minhas leituras feministas foram sobretudo documentos, posicionamentos, e textos esparsos. Nunca cheguei a estudar o assunto de maneira profunda e sistemática”.²⁰ Da mesma forma, o pastor e, atualmente, editor da Revista Novo Olhar, João Arthur: “Li muitos textos avulsos de teólogas e pensadoras. Não lembro de algum livro em especial”.²¹

Já Silmar²², agrônomo e Gernote²³, atualmente professor de filosofia não fizeram nenhuma menção de uma leitura feminista que os influenciou. Günter, pastor, respondeu: “Artigos dos jornais da esquerda e publicações da esquerda.”²⁴ Já o professor Martim, pastor e professor universitário respondeu que: “A necessidade provocada pela atividade acadêmica levou-me à leitura de autoras como Phyllis Trible, Letty M. Russel, Ute Weinmann, Susanne Heine, Edith Ennen, Rosemary Ruether, Eleanor McLaughlin, Ranke-Heinemann,”²⁵

O pastor aposentado, Silvio relatou: “Li livros de Marta Suplicy e de Rose Marie Muraro”.²⁶ O único homem entrevistado que citou Simone de Beauvoir como primeira leitura foi Vitor, pastor e que está atuando como professor universitário nos Estados Unidos. “Primeiro foi Simone de

¹⁹ LEMKE, Inácio. **Depoimento**, 22 de março de 2008. Entrevista gravada, transcrita e organizada por Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/CFH

²⁰ KIRST, Nelson. **Depoimento**, 13 de junho de 2008, via e-mail, São Leopoldo - Brasil, entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.

²¹ SILVA, João Artur Müller. **Depoimento**, Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 20 de maio de 2008, via e-mail, São Leopoldo – RS. Acervo LEGH/CFH.

²² HEMP, Silmar. **Depoimento**, Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich, em 18 de abril de 2008, via e-mail, Chapecó– SC. Acervo LEGH/CFH.

²³ KIRINUS, Gernote Gilberto. **Depoimento**, Enviado via-email dia 23 de março de 2008, Curitiba-PR. Entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.

²⁴ WOLFF, Günter Adolf. **Depoimento**, 24 de março de 2008, via e-mail, Condor – Brasil, entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo: Laboratório de Estudos de Gênero e História – UFSC.

²⁵ DREHER, Martin Norberto. **Depoimento**, Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich em 24 de abril de 2008, via-email, São Leopoldo-RS. Acervo LEGH/UFSC.

²⁶ MEINCKE, Silvio. **Depoimento**, Entrevista concedida a Claudete Beise Ulrich em 21 de janeiro de 2008, via e-mail, Schwäbisch Hall – Alemanha. Acervo LEGH/UFSC.

Beauvoir logo a seguir vieram Mary Daly e Angela Davis. Depois disso é impossível de enumerar.²⁷

Concluindo: algumas reflexões...

Há diferenças e semelhanças nas leituras feministas realizadas pelas mulheres e pelos homens entrevistados. Foi interessante perceber que os homens entrevistados responderam esta questão de forma muito geral. A maioria dos entrevistados não destacou nenhuma leitura de autora ou autor feminista. Vitor lembrou Simone de Beauvoir, foram mencionadas duas brasileiras, Marta Suplicy e Rose Marie Muraro, e a maioria, citou nomes de teólogas feministas, mas de nenhuma teóloga brasileira ou latino-americana.

Inácio, que trabalhava como coordenador da Pastoral da Terra, disse que a conjuntura da época, com a participação efetiva das mulheres nas reuniões dos movimentos sociais, tornou uma necessidade histórica as leituras feministas. Ele também apontou para a importância da leitura popular da Bíblia que procurou visibilizar as mulheres. A leitura popular da Bíblia foi uma ferramenta importante na atuação dos movimentos populares, colocando em evidência a organização dos pobres e a importância das mulheres nos momentos cruciais de libertação do povo, a partir da leitura do Livro do Êxodo e dos Evangelhos.

Muitos entrevistados falaram que a leitura feminista que realizaram foi devida o seu trabalho, atividade acadêmica, não se lembrando de nenhum livro em especial e um depoente chegou a afirmar: “Nunca cheguei a estudar o assunto de maneira profunda e sistemática”.

Observei que em relação às leituras feministas realizadas, as mulheres leram e citaram muito mais autoras feministas do que os homens entrevistados. No entanto, chamou a atenção que, neste período histórico, artigos de análise de conjuntura da América Latina eram prioridade, depois vinha a literatura feminista, e num ato segundo, livros ligados à teologia feminista, especialmente de teólogas alemãs e americanas. É interessante perceber que as primeiras leituras realizadas pelas estudantes de teologia, no grupo de mulheres, foram: “Se me deixam falar”, afirmando o direito à voz e “Mulher objeto de cama e mesa”, apontando para o direito ao prazer e ao corpo. Como afirmou Michelle Perrot “existem, assim, livros-acontecimentos cujo impacto modifica a consciência dos leitores e que, ao provocar conversas, contatos e trocas, ganham corpo”.²⁸ As leituras realizadas pelas mulheres estavam em sintonia com a Segunda Onda do Feminismo.

²⁷ WESTHELE, Vitor, **Depoimento**, 01.03.2008, via e-mail, St. Chicago, IL – EEUU, entrevistadora Claudete Beise Ulrich. Acervo LEGH/UFSC.

²⁸ PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução RIBEIRO, Viviane. EDUSC: Bauru, 2005. p. 306.

Foi interessante perceber que a leitura e a reflexão da literatura teológica feminista foi posterior à leitura da literatura feminista. Percebeu-se que as teólogas estavam muito ligadas à Teologia da Libertação, por isso também apontaram em suas leituras para livros sobre conjuntura, marxismo, experiência das mulheres. Para Gustavo Gutierrez²⁹, “a teologia é reflexão, atitude crítica. Primeiro é compromisso de caridade, de serviço. A teologia vem *depois*, é ato segundo”.³⁰ As estudantes teólogas tiveram, neste período histórico, um papel fundamental na reflexão entre feminismo, leitura da Bíblia, teologia e igreja (como instituição).

Segundo Jean Marie Goulemot, o ato de ler sempre produz sentido e essa prática é feita a partir de um lugar cultural. Neste caso, a leitura não é simplesmente encontrar o sentido desejado por quem escreveu o que implicaria consciência entre o sentido desejado e o sentido percebido. Ler é constituir, e não reconstituir um sentido.³¹ As leituras que as mulheres realizaram as constituíram como sujeitos históricos, afirmando o direito de dizer a sua palavra, fazer as suas escolhas, ao prazer, lutar pelos seus direitos enquanto profissionais (teólogas e pastoras). A leitura realizada pelos homens os constituiu enquanto profissionais (pastores e professores) que trabalhavam com mulheres.

Goulemot descreveu que “cada época constrói seus modelos e seus códigos narrativos” e diz que em cada período encontramos códigos diferentes, segundo os grupos culturais e que “essas narrativas diferentes coabitam no mesmo espaço cultural e social”.³² A leitura foi vista por esta autora como uma estratégia de afrontamento e de manipulação. Salienta, também, que, a cada leitura, o que já foi lido, muda de sentido, tornando-se outro.³³ A utilização deste conceito de leitura nos ajudou a entender as diferenças nas leituras feministas realizadas por homens e mulheres luteranas. Realizar determinadas leituras foi uma estratégia e teve como objetivo produzir sentido, especialmente para as mulheres, proporcionando e justificando a entrada das mesmas em espaços antes ditos masculinos, como o estudo da teologia e o ministério pastoral. As leituras realizadas afirmaram as bandeiras da segunda onda do feminismo “o corpo me pertence”.³⁴ Os processos de

²⁹ O conceito de “teologia da libertação” nasceu a partir da realidade cultural, social, econômica e política sob a qual se encontrava a América Latina. O continente vivia em meio a ditaduras militares. Veja GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**, 2. ed. Petropólis : Vozes, 1976.

³⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**, 2. ed. Petropólis : Vozes, 1976. p. 24.

³¹ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger, BRESSON, François (orgs). **Práticas de Leituras**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-108.

³² GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger, BRESSON, François (orgs). **Práticas de Leituras**, São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 113.

³³ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger, BRESSON, François (orgs). **Práticas de Leituras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 116.

³⁴ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, p. 77-98, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a0v24n1.pdf>. Acesso no dia 29 de junho de 2008. “O feminismo chamado de ‘segunda onda’ surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: ‘o privado é político.’”

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

identificações com o movimento de mulheres e feminismos foi marcado pelo momento histórico, não deixando de ser também movimentos de resistência à ditadura militar no Brasil, questionando, profundamente, as relações de gênero.